

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
4.º VOLUME



PORTUGUÊS, ESCRITOR,
45 ANOS DE IDADE
OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO
TRÊS QUADROS DE REVISTA
O PUNHO
[POSFÁCIO]



ORGANIZAÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS
DE LUIZ FRANCISCO REBELLO

CAMINHO

Título: Obras Completas — 4.º volume

Autor: Bernardo Santareno

Capa: Delgado Godinho

**Orientação gráfica: Secção Gráfica
da Editorial Caminho**

**Revisão tipográfica: Secção de Revisão
da Editorial Caminho**

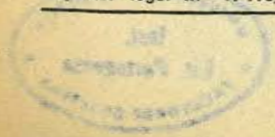
**© Bernardo Santareno e Editorial Caminho, SA
Lisboa, 1987**

Tiragem: 3000 exemplares

Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.

Data de impressão: Dezembro de 1987

Depósito legal n.º 17 776/87



BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
4.º VOLUME



*PORTUGUÊS, ESCRITOR,
45 ANOS DE IDADE*

*OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO
TRÊS QUADROS DE REVISTA*

*O PUNHO
[POSFÁCIO]*



*Organização, posfácio e notas
de Luiz Francisco Rebello*

CAMINHO

**PORTUGUÊS,
ESCRITOR,
QUARENTA
E CINCO
ANOS DE IDADE**

Peça em duas partes

1.ª edição, 1974 (Ática).

Tradução russa de H. Kotrelev, publicada na revista *Teatr* (Moscou, 1976).

Representada pela primeira vez em 5 de Julho de 1974 no Teatro Maria Matos, numa encenação de Rogério Paulo, com a colaboração de Artur Ramos e Agueda Sena, cenários de António Casimiro, canção de Ary dos Santos e Fernando Tordo, e a seguinte interpretação: António Montez (Escritor), Rogério Paulo (Pai), Lourdes Norberto (Mulher do Escritor), Irene Cruz (Palhaço Pobre e Estudante), Adelaide João (Avó, Senhora da Acção Católica, Palhaço Rico e Enfermeira), Arminda Taveira (Enfermeira), Baptista Fernandes (Médico, Ministro, 1.º Potentado, Agente, Orador Oposicionista, Bispo do Porto e Colonialista), Carlos Santos (Regedor, Senhor do Ministério, 2.º Potentado, Agente, 2.º Estudante e 3.º Padre), Carlos Sargedas (Neto), Carlos Veríssimo (4.º Potentado, Prisioneiro, 1.º Estudante, Filho do Escritor), Fernanda Borsatti (Mãe, Mulher, Chimpanzé e Mãe África), Luís Cerqueira (Pároco, 3.º Potentado, Agente, Padre, Chimpanzé Pequeno, Universitário e 2.º Padre), Luís Santos (Avô, Cardeal, Prisioneiro, Reitor e Prior), Madalena Braga (Mãe e Constituição), Manuel Matos (Filho), Vítor de Sousa (5.º Potentado, Prisioneiro, Escritor Quando Jovem e 1.º Padre); Daniel Garcia (vozes do Autor e Presidente).

1.^a Parte

Palco completamente escuro. Uns momentos assim, em silêncio. Ouve-se o choro dum recém-nascido. Luz sobre o grupo dos Actores que ocupam a zona central: cinco homens e quatro mulheres debruçam-se sobre a parturiente invisível, fechando um círculo completo. Vestem como o povo e a pequena burguesia dos anos vinte, excepto o Médico, em mangas de camisa e reconhecível pelo estetoscópio, que está colocado no meio do semicírculo anterior, de costas para o público. Música de fundo.

MÉDICO (*voltando-se para a assistência*): É um belo rapagão. Quatro quilos e meio. (*O menino chora de novo.*)

PAI (*que está junto do Médico, voltando-se para o público*): Eu sou o pai. Sinto-me como nunca me senti... Não sei explicar... Hei-de fazer tudo, tudo pelo meu filho! É verdade: um homem só é verdadeiramente homem depois de ter um filho. Estou tão feliz que... parece que vou rebentar de alegria!

AVÓ (*que está do outro lado do Médico, voltando-se; tipo camponês*): É o meu primeiro neto. Fui pai de seis filhos, mas... isto é diferente, é outra coisa! (*O menino chora.*) Que grande dia! E o raio do rapaz saiu são e escorreito que é um louvar a Deus! Isto tem que ser festejado: Pago um copo de vinho a quem o quiser beber!

AVÓ (*voltando-se para a plateia, os olhos cheios de lágrimas*): Meu rico netinho. Que Deus o abençoe assim como eu o abençoo de todo o meu coração! Que Deus lhe ponha a virtude! Há-de ser feliz!

(O círculo de actores vai rodando de maneira que aquele que fala esteja sempre em frente do público, de face para este.)

UMA MULHER DO POVO: Há-de ser feliz!

UM HOMEM: Tem de ser feliz!

AVÓ: Há-de saber ler...

UM HOMEM GORDO (*tipo mais abastado*): Eu vou ser o padrinho. Padrinho a sério, anh! O pequeno pode contar comigo. Até onde eu chegar... Havemos de formá-lo, há-de ser médico.

UMA RAPARIGA: É um anjo do céu! Tão lindo de rosto, tão perfeito de corpo... Ai, é uma glória ser mãe dum menino assim!

UMA VELHA: Bendita a mãe que tal filho pariu!

PAI (*com orgulho*): É meu filho!

(O movimento de rotação acelera-se, acompanhando o ritmo da música de fundo.)

MÉDICO: Parto normal. Mãe forte, filho robusto.

AVÓ: As férias há-de passá-las com a gente, na aldeia. Arranjo-lhe um burrito pequeno...

AVÓ: Dou-lhe leitinho fresco, acabado de mungir...

UM HOMEM NOVO: Há-de ser republicano como o pai!

HOMEM VELHO: Amigo dos pobres, contra os carrascos!

PAI: Viva a República!

TODOS OS HOMENS: Viva!

AVÓ (*assustada*): Calem-se, por amor de Deus: Podem ouvi-los...?!

HOMEM NOVO: Pois que oiçam: Viva a República!

HOMEM GORDO: Quando o meu afilhado crescer, quando for homem...

PAI: Este país já não será o que hoje é!

HOMEM NOVO: Viva a Liberdade!

TODOS OS HOMENS: Viva!

MÉDICO: Tenham cuidado, olham a mãe: Está muito fraca...

HOMEM NOVO: Abaixo a tirania!

HOMEM VELHO: Viva a Liberdade!

TODOS OS HOMENS: Viva!

PAI: O meu filho não há-de ser um escravo!

HOMEM NOVO: Disso nos encarregamos nós e os outros como nós!

PAI: Vou lutar pelo meu filho!

HOMEM VELHO: Viva a Liberdade!

TODOS OS HOMENS: Viva!

(A mãe, sempre invisível para o público, no centro do círculo, solta um grande grito: Todos se imobilizam em silêncio. Segundo grito: Todos se debruçam sobre ela, inquietos. Terceiro grito: Todos se afastam, rompendo o círculo.)

MÃE (agora à vista do público: de pé, desganhada, quase terrível, a longa camisa suja de sangue, apertando a cria contra o peito): É meu... é meu... é o meu filho!

(Foco de luz sobre a Mãe imóvel; semiobscuridade no resto do palco. Os restantes Actores, sempre voltados para a Mãe, vão recuando até aos limites laterais de cena. Escuro total, durante segundos. Sonoplastia: marcha guerreira, com toques de clarim, gritos de comando, ruído marcial de botas, vivas, etc. Em três écrans, um ao fundo e dois laterais, começam a ser projectadas imagens-documentário da vida portuguesa dos últimos quarenta anos. Em primeiro lugar, Desfiles da Mocidade e da Legião Portuguesa. Nos extremos laterais do palco, estão vários cabides de pé alto com roupas e adereços, além de dois espelhos, um de cada lado, com luz própria na margem superior. Os Actores, a mãe incluída, despem-se e vestem-se, tiram e põem cabeleiras, etc. Nos écrans assistimos agora a uma «Grande concentração de povo que aplaude o governo». Algum tempo assim. Na semiobscuridade, um dos Actores começa a rir: baixo primeiro, sobe depois até à gargalhada irreprimível. Logo imitado por uma das Actrizes. A certa altura, todos os Actores, homens e mulheres, riem em gargalhadas uníssonas de escárnio. Círculo de luz no meio do palco, iluminando as figuras caricaturais do Regedor, do Pároco e da Presidente da Acção Católica. Interrompem-se as projecções sobre os écrans.)

REGEDOR (*entre os outros dois, discursando*): Não consinto que esta terra faça má figura ao pé das outras! Quem tiver pernas para andar e voz para gritar, deve ir amanhã a Lisboa! Amanhã, no Terreiro do Paço, será homenageado o Senhor Presidente do Conselho: E há-de ser a maior «manifestação espontânea» de que há memória neste país! Olham que eu sei muito bem quem está doente e quem finge que o está. Quem me intrujar, comigo se há-de haver! E depois queixem-se, digam que o regedor é torto!... Querem a estrada nova para a vila? Querem a luz eléctrica? Então vão amanhã a Lisboa, a dar palmas e vivas ao Senhor Presidente! Quem, podendo ir, não for, nunca mais apanha de mim nem a ponta dum corno! Tenho quatro camionetas faladas e havemos de enchê-las, a bem ou a mal! Querem que esta terra faça figuras de cachorra na «manifestação espontânea»? Até tingia a minha cara de preto! Já mandei pintar cinco bandeiras, qual delas a maior, com muitos vivas e o nome desta terra escrito em letras graúdas. O Senhor Presidente do Conselho há-de lê-las e podem ficar cientes de que não se esquecerá de vocês! Assim como há-de ler a lista dos que não forem, que eu me encarrego de lha mandar... E depois queixem-se, chorem na cama que é parte quente! E não digam que eu os não avisei a tempo... Se quero que vocês vão todos à «manifestação espontânea», está bem de ver que não é por mim. Eu, graças a Deus, tenho que baste para as minhas necessidades e para as dos meus, enquanto vivo for! Vocês bem o sabem. E pronto, temos conversados. Viva o Senhor Presidente do Conselho!

MUITAS VOZES: Viva!

REGEDOR: Todos à «manifestação espontânea»! Viva o Senhor Presidente!

MUITAS VOZES: Viva!

PÁROCO (*que é do tipo untuoso*): Vão, meus queridos irmãos, vão dar o contributo das vossas presenças a esta justíssima «manifestação espontânea»! Peço-lhes eu, o vosso pároco. E não hão-de arrepender-se: Nosso Senhor lhes dará cem alegrias por cada sacrifício! E peca todo aquele que, podendo ir, não for. Pecado feio de ingratidão contra quem tanto bem tem feito por vós, no plano material, como sobretudo no plano espiritual. Sim, porque o Senhor Presidente tem sido o esforçado paladino da Igreja Católica

neste conturbado país! Tanto como Nuno Alvares, que é santo! Tanto? Mais, mais ainda do que ele, digo-vos eu! Se hoje ainda sois católicos, se ainda gozais das benesses inefáveis do nossa santa religião, a ele, ao Senhor Presidente, o deveis! Portanto, meus queridos irmãos, tudo que ao nosso bem amado Presidente fizerdes, é a Nossa Senhor Jesus Cristo que o fareis. Quem não for por ele, é contra a Santa Igreja Católica, é contra o Divino Salvador! Por isso, daqui vos aconselho e exorto: Ide todos à «manifestação espontânea».

PRESIDENTE DA ACÇÃO CATÓLICA: Só uma palavrinha, humilde e pequenina, dirigida especialmente ao coração das mulheres desta santa terra: Ide vós também, filhinhas do meu coração, ide vós também saudar e cantar louvores ao nosso santo Presidente! Sois pobrezinhas, nada tendes para lhe dar? Pois dai-lhe os afectos do vosso coração agradecido, simbolizado num raminho das singelas florinhas da nossa serra! E ele vos agradecerá. E Nossa Senhora de Fátima vos cobrirá com o seu manto branquinho! Mães, filhas, esposas e noivas da Lajinha de Cima, não falteis ao vosso dever. Ide ao Senhor Presidente, ide agradecer-lhe as virtudes da vossa santa pobreza, ide dizer-lhe que, para vós, o céu vale mais do que a terra, ide cobri-lo com a pureza e o perfume das vossas singelas florinhas! Mães, filhas, noivas e esposas da Lajinha de Cima, não falteis à «manifestação espontânea»!

REGEDOR: A quem for, dou lugar de graça na camioneta e um abono de vinte mil réis! (*Mostra a nota.*)

VOZES: Viva! Viva o Senhor Presidente do Conselho!

PRESIDENTE DA ACÇÃO CATÓLICA: Como humilde e pequenina presidente da Acção Católica de Lajinha de Cima, fui encarregada de oferecer a todos que forem à santa «manifestação espontânea» um farnelinho de pão de trigo, três ovos e duas postinhas de bacalhau! (*Vai mostrando.*)

VOZES: Viva! Viva o Senhor Presidente do Conselho!

PAROCO: E eu vos darei, além da minha bênção (*executa*), um terço benzido aos pés da Santa Virgem de Fátima (*mostra*), para que Ela vos proteja contra as ciladas do demónio lá nessa Lisboa de tanto pecado... e também de tanta virtude, graças a Deus!

VOZES: Viva o Senhor Presidente do Conselho! Viva!

(Escuro. Nos écrans, voltamos a ver as imagens da «manifestação espontânea do povo ao governo». Os três Actores da última cena representada despem-se e descaracterizam-se em frente dos espelhos laterais. Ouvem-se novamente as gargalhadas sublinhando as imagens projectadas: até chegar ao riso cruel, unísono, feroz. De repente, um grito masculino de dor. Um grito aterrorizado de mulher. Sobre os écrans vemos agora as imagens duma «carga da GNR e da Polícia sobre uma multidão exaltada que foge e grita». Em frente das telas cruzam-se os vultos de vários Actores, homens e mulheres, que correm desorientados. Música «executiva» de tambores. Continuam as imagens mais uns segundos. Luz no palco. Pára a projecção. Em cena, dispostos em vários planos, os dez Actores que, até agora, intervieram no espectáculo.)

1.^a MULHER (pobre, vestida de luto): Mataram-no! Mataram o meu filho! Agora... nunca mais o verei. Fiquei só... só no mundo... sem ninguém que me dê uma sede de água! Ai, o meu rico filho! Mataram-no...

TODOS (como juízes): Mataram-no.

1.^a MULHER: Ele era bom para mim... bom pra toda a gente! Era o meu braço, o meu amparo... Agora não tenho ninguém.

TODOS: Mataram-no.

1.^a MULHER: Tinha só vinte anos... Lindo de cara, delgadinho de corpo... Era alegre, estava sempre a rir... A bem dizer, um menino!

TODOS: Mataram-no.

1.^a MULHER (revolta): Porquê? Por que o mataram eles?!

TODOS: Porquê?!

1.^a MULHER: O meu filho não fez mal nenhum... ele era tão bom!...

TODOS: Tinha só vinte anos.

1.^a MULHER (visceral): Quero o meu filho!

TODOS: Está morto.

1.^a MULHER (feroz): Quem? Quem o matou?!

OS HOMENS: A Guarda Republicana.

AS MULHERES: A Polícia.

TODOS: Tinha só vinte anos.

1.^a MULHER: Porquê? Por que o mataram eles?!

1.º HOMEM: Vinha do trabalho...

2.ª MULHER: Viu aquele ajuntamento...

2.º HOMEM: Foi ver...

TODOS: Mataram-no.

1.ª MULHER: Porquê? Por que mataram o meu filho?!

3.º HOMEM: Eu vi-o. Ele estava à frente do povo...

4.º HOMEM: Dava o braço a outros tão novos como ele...

5.º HOMEM: E gritava...

1.ª MULHER: Gritava?! Que gritava ele?

TODOS OS HOMENS: Abaixo os tiranos!

TODAS AS MULHERES: Viva a Liberdade!

TODOS OS HOMENS: Queremos pão!

TODAS AS MULHERES: Queremos casas!

TODOS OS HOMENS: Queremos justiça!

TODAS AS MULHERES: Queremos instrução para os nossos filhos!

TODOS OS HOMENS: Abaixo os tiranos!

TODAS AS MULHERES: Viva a Liberdade!

1.ª MULHER: E era mal... isso que o meu filho gritava?

TODAS AS MULHERES: Era bom.

TODOS OS HOMENS: Era justo.

1.ª MULHER (*patética*): Então... por que o mataram?

TODOS OS HOMENS: Porque era justo.

TODAS AS MULHERES: É necessário.

1.ª MULHER: Quem matou o meu filho? Quem?

TODAS AS MULHERES: Quem o pode saber?

TODOS OS HOMENS: Nós sabemos.

TODAS AS MULHERES: A Guarda Republicana?

TODOS OS HOMENS: Não a Guarda, mas quem lhe deu ordem para matar.

TODAS AS MULHERES: A Polícia?

TODOS OS HOMENS: Não a Polícia, mas quem lhe deu ordem para matar.

1.ª MULHER: E fica sem castigo a morte do meu filho...?

TODAS AS MULHERES: Os hospitais estão cheios de feridos!

TODOS OS HOMENS: As prisões estão cheias de presos!

1.ª MULHER: Ninguém vinga o meu filho?

TODOS OS HOMENS: A justiça é deles.

TODAS AS MULHERES: O dinheiro é deles.

TODOS OS HOMENS: A força é deles.

1.^a MULHER: Mas Deus pode. Deus há-de vingar a morte do meu filho!

TODAS AS MULHERES: A Igreja é deles.

TODOS OS HOMENS: Deus é deles.

1.^a MULHER: Ai!

TODAS AS MULHERES: Ai!

1.^a MULHER: Eu vi... eu senti correr o sangue do meu filho. Aqui (*indica a frente*) e aqui (*indica o peito*)...

TODAS AS MULHERES: Ai!

TODOS OS HOMENS (*em ameaça*): O sangue dos justos não pode perder-se!

2.^a MULHER (*corre, voltando-se de costas para o público*): Tenho medo!

3.^a MULHER (*idem*): Tenho medo!

4.^a MULHER (*idem*): Tenho medo!

5.^a MULHER (*idem*): Tenho medo!

TODOS OS HOMENS (*mais forte*): O sofrimento dos justos não pode perder-se!

TODAS AS MULHERES (*voltando-se simultaneamente para o público*): Tenho medo!

(*Um dos Actores destaca-se do grupo, vai junto dum dos espelhos laterais, tira o capote popular e põe uma máscara esverdeada. Agora vestido como um senhor, dirige-se para o proscénio. Os restantes Actores recuam para o lado oposto, receosos, juntando-se em massa.*)

SENHOR DO MINISTÉRIO (*falando para um microfone*): Nota do Ministério do Interior: No passado dia um de Maio, juntaram-se no Cais das Colunas desta cidade de Lisboa algumas dezenas de agitadores profissionais...

1.^o HOMEM: Mas eram milhares!...

2.^o HOMEM: Milhares e milhares!

3.^o HOMEM: Não cabia mais ninguém no Terreiro do Paço!

SENHOR DO MINISTÉRIO (*recomeçando*): ... algumas dezenas de agitadores profissionais, terroristas a soldo duma potência estrangeira, que tentaram alterar a ordem pública. Debalde o tentaram, porque o bom povo de Lisboa não correspondeu aos apelos dos traidores...

TODOS OS OUTROS: É mentira!

3.º HOMEM: Eram operários, estudantes, doutores e comerciantes... tudo!

4.º HOMEM: E vieram camponeses de longe!

2.ª MULHER: Até mulheres lá estavam... até mulheres!

SENHOR DO MINISTÉRIO (*continuando*): ... o bom povo de Lisboa não correspondeu aos apelos dos traidores e tudo acabou rapidamente com a indispensável intervenção das forças da ordem...

TODOS OS OUTROS: É mentira!

1.º HOMEM: A manifestação durou mais de quatro horas!

2.º HOMEM: Cada vez havia mais povo. Era um rio de gente!

3.º HOMEM: Se não fosse a Guarda Republicana...

1.º HOMEM: E a Polícia...

4.º HOMEM: Tínhamos levantado Lisboa em peso!

SENHOR DO MINISTÉRIO: ... indispensável intervenção das forças da ordem que, em número reduzido...

TODOS OS OUTROS: É mentira!

1.º HOMEM: Eram camionetas e camionetas de polícia...!

2.º HOMEM: E a guarda a cavalo...!

SENHOR DO MINISTÉRIO: ... que, em número reduzido, logo dispersaram os discólos. Como, entre estes, havia alguns armados...

TODOS OS OUTROS: É mentira!

2.º HOMEM (*trocista*): Armados de pedras...

3.º HOMEM: E mesmo assim só depois de eles entrarem a matar!

SENHOR DO MINISTÉRIO: ... Como, entre eles, havia alguns armados, as referidas forças viram-se obrigadas a disparar alguns tiros para o ar...

TODOS OS OUTROS: É mentira!

1.º HOMEM: (*irónico*): Alguns tiros?!

2.º HOMEM: Rajadas de metralhadora!

3.º HOMEM (*riso de troça*): Para o ar...?!

TODAS AS MULHERES: E os feridos?

1.ª MULHER (*dolorosamente*): E os mortos?

SENHOR DO MINISTÉRIO: ... viram-se obrigados a disparar alguns tiros para o ar. Deste breve recontro há a lamentar alguns feridos sem importância...